A geração da Utopia.

Maria de Nazaré Ordonez de Souza Ablas*

* Doutoranda na Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – USP.

Autor de uma vasta obra, parte dela já conhecida pelo público leitor brasileiro (seus primeiros romances já foram publicados no Brasil), Pepetela lança agora seu segundo título pela Editora Nova Fronteira (o primeiro foi *A Gloriosa Família*, em 1999). Escrito em Berlim e editado em Portugal em 1992, *A Geração da Utopia* abrange trinta anos de história de um grupo de jovens angolanos, que se confunde com um período da própria história de Angola.

A ação dos protagonistas de *A Geração da Utopia* se desenvolve em quatro capítulos, iniciando-se por "A Casa (1961)", tendo seqüência em "A Chana (1972)", "O Polvo (1982)", finalizando com "O Templo (a partir de junho de 1991)". Cada um deles se encerra com um epílogo.

A casa referida no título do primeiro capítulo, não é outra senão a Casa dos Estudantes do Império, pomposo nome do lugar em Lisboa, para onde convergiam os jovens africanos que, pela ausência de Universidades em seus países de origem – as colônias portuguesas na África – dirigiam-se para Lisboa, financiados (muitas vezes com maiores ou menores sacrifícios) pela família, Igreja ou alguma Instituição, a fim de cursarem uma Faculdade.

Ironicamente, o estado Salazarista subsidiava esse espaço, cuja cantina se tornou o ponto de encontro dos jovens estudantes africanos, sem inicialmente desconfiar que ali se gestava a queda dos últimos bastiões do Império português.

Na Casa reuniam-se angolanos, moçambicanos, caboverdianos, sãotomenses e guineenses, que enquanto expunham e debatiam suas produções intelectuais, aglutinavam-se também em torno de ideais libertários nacionalistas, de cunho socialista. Por lá passaram muitos jovens que, posteriormente, se consagraram por sua literatura – em prosa ou verso – de resistência, politicamente engajada,

inclusive o próprio Pepetela, que tinha ido para Lisboa a fim de estudar engenharia. Ele, no entanto, por ter mais afinidade com a área de humanidades, acabou se matriculando no curso de história por ser, dentre os que existiam, o que mais se aproximava do que realmente desejava: Sociologia.

Quando chegou em Lisboa, em 1958, já tinha uma boa formação política e sua adesão à Casa dos Estudantes do Império foi apenas uma conseqüência desse fator.

Foi nesse espaço - mal visto pelas famílias da colônia e da metrópole – de efervescência cultural e política que se encontraram ou reencontraram os jovens estudantes, entre eles Costa Andrade, Ervedosa e Agostinho Neto. Assim, A Casa dos Estudantes do Império não foi só o espaço onde floresceram grandes intelectuais, mas o que também veio a fornecer os quadros das lideranças dos Partidos que propiciaram a libertação das Colônias.

Aliada à militância política desenvolveu-se uma fecunda criação literária. No caso específico de Pepetela a afirmação contrária talvez seja mais exata e por sua vivência nesse tempo e nesse espaço, pode-se inferir que esta obra tenha também forte cunho autobiográfico.

A Geração da Utopia aponta ainda para um fundo histórico, já observado em outras obras suas (*Mayombe, Yaka, A gloriosa Família*): através da ficção, está a proposta de contar alguns períodos da História, não como observador passivo, mas como alguém que não só a vivenciou , como ajudou a construí-la. Ele faz parte dessa geração que, ao tomar a História nas mãos, dela se fizeram sujeito e não mais objeto.

Sara, a estudante de medicina, branca (isso fazia diferença), filha de um comerciante rico; Malongo (namorado de Sara), jogador de futebol, farrista, mulherengo e politicamente "alienado"; Vítor, estudante de Veterinária, companheiro de quarto de Malongo, de quem seguia as pegadas, mas que gozava da confiança do grupo; Aníbal, formado em Histórico-Filosóficas, líder, reconhecido em todos os tempos e espaços como "O Sábio"; Elias, protestante, sério, radical, partidário da violência; o "miúdo" Laurindo; o literato impertinente Horácio, são algumas das personagens que circulam pela Casa e com cuja trajetória o autor vai se preocupar. São fictícias, mas que a exemplo de outras referidas em várias obras de Pepetela, refletem ou aglutinam características de outras, reais, (inclusive do próprio autor) que conviveram no mesmo ambiente, no mesmo período.

Se uns estudavam, outros nem tanto. O futebol, a música, a farra, a política, absorviam grande parte do tempo dos estudantes e, ao apontar para esse lado mais humano das personagens, retira-as do campo idealizado, revelando as metamorfoses e contradições presentes em qualquer jovem que viveu naquela época, em situações similares.

Entretanto, fora desse circuito, estava-se formando o MPLA, cujo programa surgia como uma opção para substituir a UPA e a adesão das lideranças foi decisiva para o quadro que se delineou a seguir.

A Casa dos estudantes, vista pela comunidade como um antro de comunistas, passou a se alvo atento da PIDE. Enfim, já não havia segurança em Lisboa para os nacionalistas. No país mais próximo, a Espanha, tampouco, com a ditadura de Franco. No entanto, a França acenava como a grande e mais próxima visão de liberdade.

Aníbal, que apesar de sua militância política, prestava serviço militar obrigatório no exército português, foi o primeiro a partir. Sua recusa em participar da guerra colonial, não lhe deixou outra opção que não a de desertar, mantendo a coerência entre seu discurso e a prática. O grupo seguiu depois. Sara, já formada, esperando um filho de Malongo.

Os homens se engajaram na guerrilha e se ela, em tese, poderia uni-los servindo de eixo para um ideal comum, na prática contribuiu para distanciá-los. As privações e os perigos por que passaram, revelaram a verdadeira face de cada um. E a visão nem sempre foi boa. É o que se nos depara em *A Chana*, um dos palcos da luta armada na Frente Leste. Cenário pouco adequado para tal atividade, "apenas um terreno sem árvores que é preciso atravessar para chegar à floresta ansiada?" Não seria ela própria a metáfora do lugar onde todos podem ver e ser vistos, em oposição à floresta, mais propícia à camuflagem? *A Chana* foi o espaço da metamorfose de Vítor.

Ele, que na guerrilha adotou o codinome *Mundial*, traiu seu próprio nome de guerra. Se "mundiais" podiam ser os valores consagrados pelo grupo, no entanto, a inversão de valores é já apontada na década seguinte a sua saída de Lisboa, quando reaparece na guerrilha, na Frente Leste, individualista e egocêntrico, características que o acompanharão, assim como o seu nome de guerra, até o fim da narrativa, estando ele no posto de presidente da república angolana.

O Polvo, ao contrário dos outros capítulos, situa-se em um tempo breve, introspectivo, reflexivo e datado: abril de 1982. Pressentido por Vítor, como morto, no epílogo de *A Chana*, Aníbal reaparece numa praia nos confins de Angola. Sobrevive graças a uma escassa pensão do exército (sua única concessão) e da caça marítima, que faz questão de diferenciar da pesca: esta é uma atitude passiva, enquanto aquela envolve "um corpo a corpo, usa uma arma contra um adversário que vê e respeita". Muito típico do Sábio, embora o resultado final de ambas seja o mesmo – o peixe na panela.

Este é um capítulo de reencontros: o do homem consigo mesmo, o do homem com um pesadelo do passado – emblematizado na figura do polvo – quando faz um mergulho literal para matá-lo e o do homem com a mulher. O reencontro

com Sara marca a consumação de um amor platônico, sublimado anteriormente em função de outro, se não maior, mais urgente: aquele que, exercitado na guerrilha, traduzia o amor pelo seu país.

As personagens, seguidas em percursos quase isolados, cruzam-se novamente no último capítulo: *O Templo*. O título é uma alusão à Igreja da Esperança e Alegria do Dominus, liderada por Elias. A tônica desta última parte do romance é o desencanto

Embora as contradições do regime já estivessem apontadas, metaforicamente, desde o início, através da relação entre a militante Sara com o apolítico Malongo, Vítor (principalmente), Malongo e Elias apresentam-se como a síntese de todas elas, principalmente no que concerne à corrupção que assolou Angola após sua independência.

Dos antigos sonhos pouco restou. Alguns morreram por ele. Os que escaparam, viram-no morrer. Sara, apesar de tudo, continua militando. Aníbal é o único que ainda acredita. Não no sistema, mas no ser humano que pode modificá-lo.

Se a utopia, como topônimo, é o lugar da felicidade ou que não existe, para esta geração ele existiu e teve um endereço: A Casa dos Estudantes do Império. E se ela cumpriu sua trajetória e nada mais tem a dizer, não significa, entretanto, que o sonho tenha acabado. Outras poderão vir e retomá-lo, basta que um comece. Isso é vislumbrado em Judite, a filha de Marta, e em seu namorado, Orlando. "Portanto, só os ciclos eram eternos".

O lapso de tempo ocorrido entre a elaboração desta obra e o seu lançamento aqui no Brasil atestam que ela continua atual em todos os lugares em que alguém sonhe e acredite que através dele, possa mudar o mundo para melhor.

"Mais desejo que espero".